

OS COADJUVANTES

CLARA DRUMMOND

Os coadjuvantes



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2021 by Clara Drummond em acordo com MTS agência

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Luciana Facchini

Preparação

Cristina Yamazaki

Revisão

Erika Nogueira Vieira

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Drummond, Clara

Os coadjuvantes / Clara Drummond. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2022.

ISBN 978-65-5921-231-6

1. Ficção brasileira I. Título.

22-98862

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*Now I am quietly waiting for
the catastrophe of my personality
to seem beautiful again,
and interesting, and modern.*

Frank O'Hara

Para Claudinho

1.

Sou misândrica e misógina, não tenho a menor paciência para homens e mulheres, nada contra, como dizem por aí, só não gosto de interagir, não tenho assunto, sinto que o tempo inteiro estou sendo condescendente, ou estão sendo condescendentes comigo. Mas não sou misantropa porque gosto de homens gays. É o único tipo de ser humano que dá pra conviver de igual pra igual. Não me sinto confortável no ambiente que me foi designado ao nascer. Só de pensar em casamento e filhos tenho ânsia de vômito. Biologia não é destino. Aqui, posso elencar os motivos para tal conclusão, mas soaria bobo, datado e, sobretudo, poderia logo de cara me igualar a essas retardadas que desejam um melhor-amigo-gay-próprio. Gay não é pet. Vamos nos conscientizar. Para deixar claro que não sou dessas, solto uma palavra

em pajubá, de preferência nível intermediário, porque os termos mais básicos até minha mãe sabe, e o vocabulário avançado denota excesso de esforço. Ou decido contar uma história significativa, tipo a vez que dois amigos meus que não se conheciam estavam trepando no darkroom da Berghain. Você é amigo da Vivian, não é?, perguntou um deles, não sei em que etapa da coisa. É bom pertencer a um grupo. De qualquer forma, preciso segurar a ansiedade, não sair metralhando códigos cifrados, às vezes até nos primeiros minutos de conversa, porque quem pertence é tranquilo, não se esforça para passar uma imagem, está em casa, e eu quero muito estar em casa.

Por muito tempo, morei entre Rio e São Paulo, a depender do emprego, às vezes fixo, às vezes temporário, sempre errático, instável, mal pago, quando pago. E ainda assim eu me submetia a isso, pois cada uma dessas experiências significava pontos estrelados no meu currículo. Sou curadora independente, trabalhei em galerias, bienais, museus, ateliês, fui assistente de grandes exposições, produzi sozinha mostras menores, mas significativas, escrevo crítica de arte para revistas e jornais, tanto daqui quanto de fora. Em seguida, as pessoas me parabenizam, meus pais me dão algum presente, como uma viagem a Berlim, uma carteira Comme des Garçons, uma fotografia da Francesca Woodman. Não trabalho com pintores, tampouco fotógrafos, porque são héteros, volta e meia dá merda, tem uns que são charmosos, com aquela autoconfiança de artista. Quando via, estava tran-

sando com o sujeito na abertura da exposição dele, trancada no banheiro da galeria, dividindo uma linha da noite anterior, às onze da manhã de um sábado. No fim, eles sempre emergem ainda mais autoconfiantes, depois de uma rapidinha com uma garota dez anos mais jovem, e eu quase nunca gozava. Por isso, prefiro outros tipos de artista, que apesar de também narcisistas ao menos são divertidos, e não oferecem assim risco de contratempos emocionais.

Perto do meu aniversário de trinta anos, meus pais me compraram um apartamento em Botafogo, dois quartos, chão de taco de madeira, noventa metros quadrados, porteiro vinte e quatro horas. De quebra, também me emprestaram uma poltrona Mole do Sergio Rodrigues (o cachorro tinha comido parte do couro, eles pegariam de volta quando conseguissem um bom estofador, mas acho que esqueceram, isso já faz dois anos). Ficava bonita junto a uma enorme fotografia do João Silva. Foi um presente, quer dizer, paguei a impressão e a moldura, mas agora minha casa tem mais uma obra de arte, da mesma série que está no Malba. Esse período coincidiu com um aprimoramento do meu currículo. O critério exclusivo de seleção de trabalhos passou a ser a contribuição para a minha carreira, sem levar em conta questões financeiras. E, caso o orçamento apertasse, seja lá o que isso significasse, eu alugava o apartamento por duas ou três semanas e ia passar uma temporada no apartamento extra da minha família, em São Paulo. Esse esquema era especialmente lucrativo no Carnaval e no

Réveillon. Aí, eu conseguia dinheiro para alguns meses, o que possibilitava uma pausa para férias, talvez um curso fora, quem sabe botox.

A localização do apartamento era perfeita, tinha vendedores ambulantes de domingo a domingo, a noite toda, sempre com bom estoque de Heineken. Darlene, que ficava bem em frente à minha casa, avisou que era perigoso do outro lado da rua, já teve inclusive uma execução, coisa feia. Não me preocupei, é possível que ela só quisesse afastar a concorrência. São imensas as alegrias da casa própria, eu escolho a cor do papel de parede do quarto, faço do antigo quarto de empregada um closet espaçoso, tenho cozinha anexa à sala principal, janelas antirruído. O banheiro eu quis deixar quase igual ao original porque gosto dessa estética classe média dos anos 1950. Não entendo esse seu universo em que os apartamentos surgem do nada, comentou a Marina Falcão. Toda semana improvisávamos alguma festinha, eu ofereço a geladeira, o saco de gelo, a caixa de som, a lâmpada vermelha, e cada um traz seu drink, sua droga, sua playlist. Os vizinhos, já idosos, reclamam às vezes, o que não é um grande problema, dizia Alex, daqui a pouco morrem ou são gentrificados. Alex era o responsável por trazer a nova geração de bichinhas da noite alternativa, orgulhosas de pequenos atos de subversão, como brincos coloridos, unhas cor-de-rosa, talvez uma vestimenta nitidamente feminina, algo que aprovo e estímulo. Torna o elenco mais diverso, enriquece o ambiente.

Naquele dia, organizei um jantar aqui em casa para

os amigos mais próximos, e em seguida iríamos a uma festa, onde Rodrigo seria DJ. Eu estava muito feliz que ele tinha saído do armário, inclusive para a família, ainda mais conservadora que a minha e que cultivava grandes esperanças no nosso casamento. Há uns anos, ele chegou até a propor termos um relacionamento de fachada para que seus pais o deixassem em paz. De quebra, ganharíamos uma festa de arromba e acesso a sua casa em Paris. A possibilidade de uma vida heteronormativa conforme o modelo convencional de sucesso até me pareceu tentadora por quinze minutos, mas só. Na minha opinião, Rodrigo devia se livrar dos amigos da escola, aqueles idiotas que trabalham no mercado financeiro, e conhecer pessoas mais interessantes, que atuam no mercado de arte.

Rodrigo seria o último a tocar, só de manhã, então saímos de casa por volta das duas. A festa não seria num inferninho, com laser, estrobo, projeções, e sim de graça, numa praça perto do Centro Cultural Banco do Brasil. Na verdade, a praça era uma espécie de pátio público com grade e apenas uma entrada, dois seguranças para controlar a lotação, distribuir pulseiras e monitorar possíveis abusos. Um nicho específico, público gay abastado, majoritariamente branco, que menospreza símbolos tradicionais de ostentação, é alinhado aos valores liberais e progressistas, não necessariamente de esquerda, ao menos em termos econômicos. Como de costume, ambulantes vendiam bebidas enquanto as pessoas esperavam para entrar na festa.

Para minha surpresa, Darlene, a ambulante da minha rua, estava ali, mas não vendendo cerveja, e sim caipirinha. Ao seu lado, um velho mal-humorado vendia Heineken. Acenei para ela, sorrindo, e gritei: Oi! João Silva saiu de onde estávamos para abraçá-la, beijou sua bochecha, perguntou sobre seu filho. Ele conseguiu fazer esse tipo de coisa sem soar condescendente, eu não. Por isso, eu preferia ser mais discreta, manter uma relação mais profissional, cliente e comerciante, com medo de alguma gafe. Até porque na minha cabeça ela trabalhava todos os dias na frente da minha casa, nem tinha reparado que aos sábados ela estava em outro lugar, era outra pessoa. E muito menos sabia qualquer coisa sobre a família de Darlene. A fila andou alguns metros, mas logo estacionou, de modo que ficamos todos paralelos à sua barraca portátil de caipirinhas. Imaginei que você pudesse estar aqui!, ele disse. Ora, João Silva morava em São Paulo, como ele conhecia o itinerário profissional da Darlene? Isso tudo só das vezes que descia pra comprar cerveja nas festas lá em casa? O processo de entrada estava especialmente lento. Quarenta minutos sem sair do lugar. Sem problema, estávamos distraídos, conversando com Darlene. Ela lembrava de detalhes de acontecimentos antigos, perguntava o desenrolar das situações. Era esperta, rápida, engraçada, bem informada, até mesmo culta, falava nossa linguagem, não era evangélica, votava no Psol. A conversa estava tão gostosa que ninguém percebeu a chegada súbita da Guarda Municipal.

A princípio, não era pra ninguém se incomodar tanto, sempre foram inofensivos, mas àquela altura da política brasileira as coisas começavam a ficar estranhas. O camburão que surgiu na nossa frente diferia pouco da imponência de um esquadrão especial, tipo Bope. Cinco homens com peito estufado postaram-se diante da fila, transmitindo uma hostilidade ressaltada pelos cassetetes, maiores que o normal. Primeiro abordaram o velho mal-humorado, pegaram todas as cervejas, puseram tudo no porta-malas do camburão. Ei, isso é roubo!, gritou a Marina Falcão, e o resto da fila concordou com vaias tão intensas que abafavam o Italo Disco. Aquilo não constrangeu os policiais, ao contrário, estimulou um considerável aumento de tom, e eles foram avançando sobre Darlene com violência. Seu material de coquetelaria foi destruído, junto com as garrafas de cachaça, atiradas no chão. Darlene reagiu, gritando e tentando se desvencilhar do homem que segurava seu braço, e como retaliação recebeu uma porrada de cassetete. Alex tentou interferir, pôs seu corpo no meio deles, com seus brincos, unhas pintadas, sombra roxa no olho, e também recebeu pancadas, na perna, no braço e, quando tentava voltar pra perto de nós, na costela. Não foi o único dos frequentadores da festa a se posicionar de forma mais enfática, mesmo assim a porrada foi direcionada apenas a ele. No meio da confusão, uma bomba de gás lacrimogêneo foi lançada aos pés de quem estava na fila, a um metro de distância da Guarda Municipal.

Os seguranças da festa puseram todos para dentro, às pressas. Só os vendedores ficaram do lado de fora. Talvez os policiais se intimidassem de entrar numa festa de elite, podia ser um mecanismo de proteção. Não passou pela cabeça de nenhum de nós que os ambulantes podiam estar naquele espaço como frequentadores. Em tese, era uma festa gratuita, e não havia motivo para que eles ficassem de fora, principalmente porque, àquela altura, estavam sem as bebidas, já confiscadas. Mas havia um entendimento mútuo, silencioso e unânime de que eles não pertenciam àquele ambiente, e isso era tudo.

Alex foi para casa, levemente ferido, mas bem, e o resto de nós continuou na festa até o amanhecer, o ácido começando a fazer efeito. Esquece, Vivian, disse minha amiga Marina Falcão. Mas, assim que entrei, percebi que algo grave continuava acontecendo do lado de fora. Sem sucesso, tentei abrir espaço entre as pessoas que se amontoavam na festa. As grades de proteção, junto com minha visão de natureza fragilizada, e prejudicada ainda mais pelo gás lacrimogêneo, ofuscavam qualquer clareza. Um vulto se contorcia, com dificuldade de locomoção, quase na outra esquina, a um quarteirão de distância. Fiquei com a impressão de que podia ser Darlene. Ela teria apanhado com violência extra naqueles dez minutos de confusão quando todos entraram na praça, quer dizer, todos nós, os frequentadores de sempre? Ou era um mendigo, um pivete, um viciado em crack? Talvez. Dez minutos é

tempo suficiente para uma série de porradas. Mas se fosse Darlene alguém na fila com certeza teria vaiado, feito um protesto, e não apenas repetido meus passos, a caminho das batidas do Italo Disco.